

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: O MUSICAL  
11 e 18 de junho de 2026

## EVERGREEN / 1934

*Sempre Viva*

Um filme de Victor Saville

*Realização:* Victor Saville / *Argumento:* Emlyn Williams, Marjorie Gaffney, baseado na peça de Benn W. Levy / *Fotografia:* Glen Mac William / *Canções:* Rodgers and Hart / *Interpretação:* Jessie Matthews, Sonnie Hale, Betty Balfour, Barry MacKay, Ivor McLaren, Hartley Power

*Produção:* Gaumont-British (Michael Balcon) / *Cópia:* 35mm, versão original legendada eletronicamente em português / *Duração:* 93 minutos / *Estreia em Portugal:* cinema Tivoli (Lisboa), 24 de junho de 1935.

O nome de Victor Saville e, em particular, os musicais realizados na década de 30 com Jessie Matthews para a Gaumont-British de Michael Balcon, têm sido objecto de culto recente por parte de certa crítica londrina (com retrospectivas no National Film Theatre, por exemplo) que, assim, os tenta resgatar da fraca atenção e do fraco entusiasmo que a historiografia tradicionalmente lhes votou. Não é que, à época, a Inglaterra os ignorasse: antes pelo contrário, realizador e actriz foram objecto de popularidade interna. A questão é que não só essa popularidade nunca logrou saltar fronteiras como, sobretudo – e tendo já também em conta a maior fraqueza do seu trabalho em Hollywood a partir de 39 – a avaliação crítica de Saville nunca deixou de ser algo cinzenta. A opinião mais generalizada será de facto a que o toma como “homem de ofício”, competente mas sem verdadeira chama de realizador. Opinião que dará representatividade à definição que, ainda hoje, é assinada por Thomson quando diz tratar-se de “um homem com mais sentido de produção do que, propriamente, olho para a imagem”.

Pensando nos dois termos do binómio – “competência de ofício” e “falta de olho para a imagem” – diríamos então que tanto num como noutro, nem tanto ao mar nem tanto à terra... O que o filme de hoje nos revela é, em ambos, uma considerável mediania: nem “ofício” por aí além, nem olhos tapados aos valores da imagem. Expliquemo-nos então.

O primeiro interesse de EVERGREEN – que não se deverá ainda muito a Saville, embora pensando nas obras seguintes terá muito a ver com o seu universo – é o argumento. Sugerindo conotações directas com histórias mais recentes (entre elas uma das melhores histórias cinematográficas de sempre: a FEDORA de Wilder) a narração oferece,

de norma ingénua, a seiva-bruta de todo o universo do espectáculo, que é o problema da figuração no seu terreno mais fecundo – a violentação sobre o *humano*. A isto não se pode dizer que o realizador seja totalmente permeável, mas a verdade é que também não lhe é indiferente. E é assim que surgem boas ideias *de realização* que, no fundo, derivam daqui: entre elas, a revelação da verdadeira identidade no palco, em representação, e o *raccord* (visualmente explorado) entre o teatro e o tribunal (os dois espaços onde se *julga* essa identidade).

Em segundo lugar, é obviamente preciso confrontarmo-nos com a questão do *musical*. E, aqui, nenhuma das inevitáveis perspectivas é muito animadora: intrinsecamente, a obra é desigual – por comparação com o espaço do Musical americano (os musicais da Warner ou da RKO a que Saville e Balcon queriam contrapor uma tradição britânica) é naturalmente muito mais fraco.

Por desigualdade entendemos então, pelo menos neste filme, a falta de um verdadeiro rumo para o Musical. Há momentos em que este é entendido como *animação* de todo o espaço do écran (o número de regresso no tempo e, em particular, a citação dos anos 20, ou, por exemplo, o número final) mas não se sente que tal forneça uma verdadeira orientação para o filme. Há, por outro lado, momentos em que a dança irrompe como súbita tradução de sentimentos (nomeadamente o inesperado passo de dança espanhola com que Jessie Matthews *sai* da discussão com o “filho” / amante, aquilo que consideramos o mais belo instante de toda a película pelo misto de abstracção e, precisamente, *função* da dança) mas, estes, são ainda menos.

No que respeita à comparação, o desnível é imediato. É verdade que este ano de 1933 é precisamente o mesmo em que arrancam um Busby Berkeley ou um Fred Astaire. Mas, se pensarmos que o primeiro apresentará logo de seguida obras como GOLD DIGGERS ou que o segundo inicia a série com Ginger Rogers (FLYING DOWN TO RIO/1933, GAY DIVORCEE/1934) a resposta está dada. Exactamente nas duas concepções referidas acima – a coreografia do espaço total do écran ou a expressão pela dança – Hollywood dava cartas. Mas talvez o erro esteja também na insistência de querer ver por aí as qualidades de Victor Saville ou de Jessie Matthews. Que são algumas. Que são medianas.

José Manuel Costa

(Texto originalmente escrito para distribuição em junho de 1984 / Ciclo Cinema Inglês)